

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília (D.F)

Class.: 448

Data 25 de Junho de 1987

Pg.: _____

190 Casaldáliga vê povo sendo expulso

Goiânia — Há vários anos que me pretendem expulsar do Brasil, o latifúndio cada vez mais estrangeiro, a segurança repressiva e o medo egoísta de alguns privilegiados — todos eles autores da vergonhosa expulsão que o povo do Brasil vem sofrendo: expulso da terra, expulso do salário, expulso da saúde, expulso da livre participação social, sindical, política". A afirmação é de Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT) que ontem à noite passou por Goiânia, a caminho de Rondonópolis (MT) onde se encontra participando de encontro regional do CIMI — Conselho Indigenista Missionário. Ontem pela manhã, o secretariado da Pastoral da Arquidiocese de Goiânia divulgou um texto deixado por Dom Pedro, em que o prelado retoma três questões que foram objeto de grande controvérsia, após uma entrevista à imprensa em Porto Alegre: as fitas cassete "Um Tal Jesus", a Igreja e os partidos e a ameaça de sua expulsão.

Dom Pedro afirma, de início, que a edição desta semana da revista *Veja* apresenta "totalmente distorcidas" suas declarações sobre a coleção de fitas produzida na Alemanha: "Eu fiz ques-

tão de que se distinguísse claramente entre as fitas e as comunidades de base, uma vez que alguém está interessado em persegui-las simultaneamente". O bispo diz ainda que, "baseado em informação de quem as conhece, destaquei o valor técnico e outros inegáveis valores de comunicação" (das fitas). "Entretanto, destaquei também explicitamente a parcialidade com que apresentam o senhor Jesus como apenas humano, como revolucionário, mais diretamente".

"Não são essas 140 cassetes que nossas comunidades vão usar", enfatizou Dom Pedro. "Essas comunidades têm duas cassetes de uso próprio e habitual: o Evangelho procurado com amor e a realidade duramente vivida". O bispo de São Félix refere-se, em seguida, à declaração, "oportunamente discreta", de Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB, "com a qual evidentemente ele pretendia desmanchar, em torno das faladas fitas, tanto o alar-me quanto a publicidade".

Após lembrar seus contatos no sul com o cardeal Dom Vicente Scherer (por telefone, "cordialmente, aliás"), e com "vários colegas bispos, no Rio Grande,

em Santa Catarina e no Paraná", Dom Pedro explica que suas declarações sobre política partidária apenas repetiam, "para a imprensa de Porto Alegre, o que a equipe pastoral da Prelazia de São Félix publicou num folheto, entregue em fevereiro último a muitos bispos presentes à assembleia de Itaici e entregue também à opinião pública". Dom Pedro ressalta que esse documento foi publicado, "na íntegra, pela grande imprensa".

"Não pretendo ressuscitar velhos clericalismos eleitoreiros, que condeno", afirma Dom Pedro: "Entretanto, sinto, em consciência pastoral, que um bispo pode e deve ser concreto na moral política — tão mais abrangente da vida humana — como é concreto na moral sexual ou profissional". Em seguida, ele nega que tenha recomendado algum partido político: "Nem recomendei um partido, nem menos ainda algum político, nem excomunguei ninguém, práticas infelizmente exercidas pela Igreja, muitas vezes. Bastaria lembrar a igreja italiana — à sombra do próprio Vaticano — no que se refere à democracia cristã, e nossa Igreja do Brasil, lá pelos anos 50, com a Liga Eleitoral Católica (LEC).